

**A DIALÉTICA E A LUTA CONTRA-HEGEMÔNICA NO ESPAÇO ESCOLAR:
CONFLUÊNCIAS ENTRE MARX E GRAMSCI**

**LA DIALÉCTICA Y LA LUCHA CONTRA LA HEGEMÓNICA EN EL ESPACIO
ESCOLAR: CONFLUENCIAS ENTRE MARX Y GRAMSCI**

**THE DIALECTICS AND THE OPPOSITION AGAINST HEGEMONIC IN THE
SCHOOL SPACE: CONFLUENCES BETWEEN MARX AND GRAMSCI**



Gabriel da Silva BARROS¹

e-mail: gabrieldasilvabarros1995@gmail.com



Luciane Albernaz de Araujo FREITAS²

e-mail: lucianel1968@gmail.com



André Luis Castro de FREITAS³

e-mail:dmtalcf@furg.br

Como referenciar este artigo:

BARROS, G. da S.; FREITAS, L. A. de A.; FREITAS, A. L. C. de. A dialética e a luta contra-hegemônica no espaço escolar: confluências entre Marx e Gramsci. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e024123, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.18830>



| Submetido em: 20/12/2023
| Revisões requeridas em: 20/02/2024
| Aprovado em: 14/03/2024
| Publicado em: 21/10/2024

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), Pelotas – RS – Brasil. Mestre em Educação e Tecnologia, Doutorado em Educação e Tecnologia (PPGEDU).

² Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), Pelotas – RS – Brasil. Mestre em Desenvolvimento Social e Doutora em Educação Ambiental (Professora – PPGEDU).

³ Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande – RS – Brasil. Mestre e Doutor em Educação (Professor – PPGEA/PPGEC).

RESUMO: Por meio de um estudo descritivo crítico, embasado nas obras de Marx e Gramsci, tem-se como intuito refletir sobre as evidências que corroborem com a importância do movimento dialético, no que concerne a luta contra-hegemonica no espaço escolar. O texto foi constituído a partir de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Reflete-se que o materialismo histórico admitiu a existência da realidade exterior de maneira independente da consciência e que a dialética se constitui como força transformadora e transitória. Infere-se sobre o papel da escola e do professor, no sentido de que sejam capazes de anunciar as disparidades entre o tipo de sociedade e de cultura que ela representa. Compreende-se que os pressupostos estudados estão imbricados a produzir ações que visem desvelar a realidade promovendo a transformação social, pelo exercício da dialética.

PALAVRAS-CHAVE: Materialismo Histórico e Dialético. Dialética. Transformação social.

RESUMEN: *Mediante un estudio descriptivo crítico, basado en los trabajos de Marx y Gramsci, se busca reflexionar sobre las evidencias que corroboran la relevancia del movimiento dialéctico, en torno a la lucha contra lo hegemónico en el espacio escolar. El texto se constituyó a partir de una investigación bibliográfica cualitativa. Se refleja que el materialismo histórico reconoció la existencia de la realidad externa independientemente de la conciencia y que la dialéctica se constituye como fuerza transformadora y transitoria. Se infiere sobre el papel de la escuela y el docente, de manera que son capaces de anunciar los contrastes entre el tipo de sociedad y la cultura que representa. Se entiende que los presupuestos estudiados se entrelazan para producir acciones que pretenden desvelar la realidad, promoviendo la transformación social, a través del ejercicio de la dialéctica.*

PALABRAS CLAVE: *Materialismo histórico y dialéctico. Dialéctico. Transformación Social.*

ABSTRACT: *Through a critical descriptive study, based on the works of Marx and Gramsci, the aim is to reflect on the evidence that corroborates the relevance of the dialectical movement, regarding the struggle against hegemonic in the school space. The text was constructed from qualitative bibliographic research. It is reflected that historical materialism recognized the existence of external reality independently of consciousness and that dialectics constitutes itself as a transforming and transitory force. It is inferred about the role of the school and the teacher, such that they are able to announce the contrasts between the type of society and culture it represents. It is understood that the studied presuppositions are intertwined to produce actions that aim to unveil reality, promoting social transformation, through the exercise of dialectics.*

KEYWORDS: *Historical and Dialectical Materialism. Dialectic. Social Transformation.*

Considerações iniciais

O marxismo é um termo construído como sinônimo do materialismo histórico e dialético, pois Karl Marx é considerado o autor central das formulações que propõem a concretude a essa concepção filosófica, a qual é tratada por muitos estudiosos como a filosofia da transformação, pois seus pressupostos estão diretamente comprometidos com uma práxis⁴ revolucionária.

Cabe ressaltar que Marx não se dedicou à escrita de um texto específico sobre a questão metodológica e admite-se que algumas considerações sistematizadas podem ser encontradas na obra *Gundrisse*, datada de 1857. O estudo de sua obra possibilita perceber que, mais que explanar sobre o método, Marx operou a partir de pressupostos que se constituíram como categorias que ganharam centralidade e deram corpo ao encaminhamento metodológico.

Movido pela insatisfação com o modelo societário, Karl Marx buscou compreender a realidade em que estava inserido e, para tal, analisou as principais fontes teóricas de sua época: a filosofia clássica alemã, a economia política inglesa e a política francesa. Em um movimento investigativo de intensidade reflexiva, desvelou os limites de cada teoria, utilizando-se desses achados para estabelecer a concretude ao seu pensamento. Assim, desenvolveu uma crítica à filosofia idealista de Hegel, a qual tinha como princípio interpretativo o mundo das ideias, em que o real se constitui a partir da consciência do ser humano, tal que a realidade plena e concreta é a de natureza espiritual.

Essa crítica aconteceu de forma contundente na obra *A ideologia alemã*, escrita por Marx e Engels (2007), sendo o momento teórico em que os autores elevaram o materialismo histórico à sua maturidade. Em obra anterior, *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx (2010) já havia se ocupado com as categorias trabalho e alienação, mas é na obra *A ideologia alemã* que os pensadores desenvolveram de forma minuciosa as críticas aos jovens hegelianos ou hegelianos de esquerda, como eram nominados por fazerem oposição à monarquia absolutista alemã. Nesta obra, tais categorias foram retomadas e articuladas em um movimento que tomou corpo a partir de uma teoria sobre as condições históricas de produção e de reprodução da vida humana.

As reflexões de Marx e Engels foram constituindo forma e consistência a uma concepção materialista. O materialismo histórico, para Marx e Engels (s/d), está atrelado à

⁴ A práxis é uma categoria fundante no materialismo histórico e dialético, pois preconiza que se gerem ações transformadoras conscientes e críticas na realidade, o que promove a superação da dicotomia entre a teoria e a prática. Para Marx e Engels (2007), é na práxis que o homem tem de provar a verdade, provar a realidade e o poder, manifestando o caráter terreno de seu pensar.

concepção de que o real antecede ao ser social e, conseqüentemente, o ser social age para transformar esse mesmo real. Com isso, fica evidenciado que o homem é um ser social e que se constitui a partir dos processos por ele vivenciados: econômicos, sociais, culturais e políticos, os quais o determinam e, ao mesmo tempo, são determinados por esse.

A partir desses pressupostos, a dialética tomou espaço central no materialismo histórico, de tal maneira que não é somente um método para se chegar à verdade, mas constitui-se como “[...] uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo” (Gadotti, 2012, p. 18). Assim, é possível afirmar que o método em Marx, o qual se sustenta na materialidade, na historicidade e na dialética o configuram como uma filosofia da transformação, sendo esta proposição ratificada por Gramsci (1999), ao referir-se sobre a compreensão da história com a possibilidade de superação por meio da ação, visto que não há separação entre a história e a filosofia, mas faz dos homens conscientes e responsáveis pela história e “[...] não os joguetes da fatalidade, na medida em que os seus princípios, isto é, os seus ideais, centelhas que brotam das lutas sociais, são precisamente estímulos à práxis que, mediante a sua ação, se subverte” (Gramsci, 1999, p. 88).

Conforme Simionatto (2011), a reflexão teórica proposta por Gramsci, como crítica da política, opera o real com base nas categorias que emergem do abstrato ao concreto, do movimento da aparência à essência, ainda, do singular ao universal e vice-versa. Dessa maneira, a proposta de reflexão categorial encontrada nos escritos gramscianos, segundo Simionatto (2011), faz a apreensão do movimento do social, compreendendo o jogo das relações que permitam desvelar a realidade, descortinando, por fim, as contradições que constituem o real.

Deste modo, inicialmente, Gramsci ocupou-se de analisar como a classe hegemônica se estrutura, não apenas no intuito de compreender como se consolidou, mas, sobretudo, quais mecanismos lhe garantiram a manutenção. Porém, o interesse do pensador não se restringiu à mera interpretação, afinal trata-se de um marxista que não tem no verdadeiro filósofo um contemplador, mas aquele que assume o compromisso de transformar o mundo, comungando com Marx e Engels (2007). Daí que em um movimento de síntese, análise e síntese, Gramsci buscou estratégias para a revolução do proletariado, em direção a uma nova hegemonia.

Com esse foco o artigo proposto tem por objetivo correlacionar os espaços escolares à luta contra-hegemonica, que tenha como eixo articulador o exercício da contradição, em que se contemple o movimento dialético como a força transformadora e revolucionária. Intenta-se, com isso, a partir das confluências entre Marx e Gramsci, refletir sobre as possibilidades de transformação social.

O texto está descrito da seguinte maneira: **A constituição do materialismo histórico** – reflete-se sobre o materialismo histórico, o qual reconheceu a existência da realidade exterior de forma dissociada da consciência do homem; **A dialética e o exercício da contradição** – discute-se que as proposições que conduziram aos debates acerca da dialética ao longo da história contribuíram para fortalecer as concepções de mundo que tem no movimento seu fundamento ontológico, entre elas o materialismo de Marx e Engels; **A dialética a partir de considerações em Marx e Engels** – compreende-se a dialética como uma força transformadora a qual se caracteriza pela transitoriedade, bem como por sua essência crítica e revolucionária; **A escola e a unidade entre a teoria e a prática** – infere-se sobre uma escola que seja capaz de anunciar as discrepâncias entre o tipo de cultura e sociedade que essa representa; e **Confluências entre Marx e Gramsci** – problematiza-se acerca das possibilidades de interferir na realidade dos sujeitos. Após, descrevem-se as **considerações finais** e seguem as **referências**.

A constituição do materialismo histórico

Conforme preliminarmente abordado, a crítica à filosofia idealista hegeliana aconteceu de forma acirrada na obra *A ideologia alemã*, escrita por Marx e Engels (2007). Inserido nesta concepção, os autores afirmaram que ao contrário da filosofia alemã a qual propunha a ação de descer do céu à terra a proposta era, justamente, ao contrário, ou seja, de elevar-se da terra ao céu.

Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam; tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida (Marx; Engels, 2007, p. 94).

Marx e Engels criticaram os novos hegelianos os quais argumentaram ter superado Hegel, mas o fizeram em aspectos determinados, demonstrando que esses permaneceram amarrados ao idealismo da mesma forma que os velhos hegelianos, confrontando o pensamento hegeliano a partir do pensamento abstrato, isto é, dos preceitos cindidos dentro da própria base teórica sobre a qual fizeram a crítica.

Ainda para os autores, com a pretensão de justificar tal postura, os jovens hegelianos, que buscaram abalar o mundo com suas formulações, afirmaram que lutaram apenas contra as ditas fraseologias e, com isso, ao esquecerem que essas fraseologias não se opunham a nada além delas próprias, não combatiam ao mundo real.

A essa proposta, dos jovens hegelianos, Marx e Engels (2007) se contrapuseram, justificando que tais críticas não possuíam consistência e não passavam de floreios com pretensões de grandes descobertas. Indo além, expressaram: “A nenhum desses filósofos ocorreu a ideia de perguntar sobre a conexão entre a filosofia alemã e a realidade alemã, sobre a conexão de sua crítica com seu próprio meio material” (Marx; Engels, 2007, p. 84).

Enfatizaram, ainda, que para os filósofos o pensamento se efetivava por meio da linguagem e permanecendo encantados pelo pensamento fizeram da linguagem um lugar próprio, que não iria além das fraseologias, e, portanto, não alcançava a vida. Neste contexto, a atividade árdua era “[...] descer do mundo do pensamento para o mundo real” (Marx; Engels, 2007, p. 429).

Descer ao mundo real é, pela perspectiva marxista, ter a compreensão da realidade como algo concebido pelos homens em relações entre si e em relação com o mundo em que vivem, produzindo sua própria existência. Tal dificuldade não se esgota nas abordagens idealistas embasadas em Hegel, já mencionadas, mas está presente, também, no materialismo de Feuerbach, objeto de críticas de Marx e Engels na obra *A ideologia alemã*.

O materialismo de Feuerbach, mesmo sendo foco de críticas, contribuiu de maneira significativa nas formulações do materialismo histórico e dialético realizadas por Marx e Engels, como pode ser percebido nos escritos de Marx: “Feuerbach é o único que tem para com a dialética hegeliana um comportamento sério, crítico, e [o único] que fez verdadeiras descobertas nesse domínio, [ele é] em geral o verdadeiro triunfador (Überwinder) da velha filosofia” (Marx, 2010, p. 117, grifo do autor).

Feuerbach elaborou sua crítica a respeito da religião, afirmando que Deus é uma criação do homem, ao qual se submete. Desta maneira, Deus torna-se a alienação da essência humana, na medida em que o homem lhe outorgou poderes para o controle da sua própria vida. Nesta perspectiva, Deus deixou de ser o centro para que o homem assumisse tal posição, levando em conta a relação homem/natureza, estabelecendo a ênfase ao real/concreto, que passaram a existir independentemente da consciência dos homens.

Tal proposição fundou-se em uma visão oposta ao idealismo hegeliano, isto é, em uma base materialista, possibilitando a criação de brechas que foram basilares para a concepção do materialismo de Marx e Engels. Para os mesmos autores, quando Feuerbach veiculou que o mundo religioso era uma ilusão do mundo terreno, surgiu a inquietação de como seria possível que os homens criassem essas ilusões, no campo das ideias. O questionamento abriu uma possibilidade para a constituição de uma visão materialista do mundo, não isenta de

pressupostos, mas, empiricamente, imbricada aos pressupostos materiais, caracterizando-se, assim, como a primeira visão de mundo crítica.

Mesmo tendo presente a importância do materialismo contemplativo de Feuerbach, Marx e Engels não se eximiram de analisá-lo e criticá-lo, tal que a crítica recaiu sobre o fato de que Feuerbach não percebeu que o homem se encontrava inserido em uma realidade concreta, e que esta realidade não é algo inerte, mas passível de alterações. Tal feito expressou o caráter determinista e a-histórico desse materialismo, assumindo assim como principal imprecisão de Feuerbach que “[...] o objeto [Gegenstand], a realidade, o sensível, só é apreendido sobre a forma do objeto [Objekt], ou da contemplação, mas não como atividade humana sensível, como prática, não subjetivamente” (Marx; Engels, 2007, p. 533, grifo dos autores).

As reflexões de Marx foram criando consistência a uma concepção materialista, tal que conseguiu evidenciar que o homem é um ser social que se constitui a partir dos processos por ele vivenciados, como os processos econômicos, sociais, culturais e políticos, os quais o determinam e, também, são determinados pelo próprio homem.

A partir do exposto, percebe-se que o materialismo histórico reconheceu a existência da realidade exterior de forma separada da consciência do homem, no entanto, faz-se necessário pensar em uma independência relativa, visto que tal realidade exterior se constitui a partir do movimento do homem, por meio do trabalho, em prol de sua sobrevivência, em que como resultado de sua própria ação “[...] impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (Marx, 2012, p. 211). Isto torna possível argumentar que a realidade, em suas diferentes dimensões, é produto da atividade humana, tornando-se, em última instância, produto do movimento do homem e da natureza, assumindo assim a dialética como um de seus elementos fundantes.

Para Gadotti (2012), a dialética obteve espaço central na fundamentação proposta e pode ser considerada não apenas como um método para se alcançar à verdade, mas uma concepção de homem e de sociedade, associada às relações do sujeito com e no mundo. Assim, torna-se de fundamental importância dedicar um espaço para abordá-la. No entanto, esta empreitada deve ser realizada com a percepção de que a discussão sobre a dialética não se limita aos pressupostos hegelianos e marxistas, construídos como a nova dialética.

A dialética e o exercício da contradição

A filosofia antiga ocupou-se do movimento dialético com compreensões distintas ao longo do tempo, tal que Konder (1981) afirmou que, na Grécia, a categoria dialética, era denominada como a arte do diálogo, evoluindo para a compreensão de que pelo diálogo se é capaz de desenvolver argumentos ao ponto de construir a definição e a distinção dos conceitos envolvidos. Com isso, chega-se à formulação de uma tese, no sentido específico, estando esse diálogo para além da conversa desinteressada, mas marcado por um movimento de partes distintas em busca da compreensão do mundo.

Posteriormente, ainda para Konder (1981), a dialética passou a ser utilizada como a forma do homem pensar as contradições inerentes à própria realidade e à condição de permanente transformação que faz parte de sua essência. Para Gadotti (2012), o maior representante desta concepção é Heráclito que, negando a estabilidade do ser, pela transformação, trouxe inquietação aos gregos, os quais, em sua maioria, acolheram com tranquilidade a concepção de Parmênides o qual afirmava que o movimento era uma ilusão e que tudo era imutável.

Depois de reprimida pela concepção metafísica, a dialética perdeu força, mas se manteve viva no pensamento dos filósofos, como foi o caso de Aristóteles. Nas palavras de Gadotti (2012), “[...] Aristóteles conseguiu conciliar Heráclito e Parmênides com sua teoria sobre o ato e a potência: as mudanças existem, mas são apenas atualizações de potencialidades que já preexistiam, mas que ainda não tinham desabrochado” (Gadotti, 2012, p. 15).

A dialética sofreu novas reformulações na Idade Média, época das sociedades feudais, em que a ideia de movimento e transformação permitiu lugar à constância decorrente de uma estratificação social. Nesta época, a influência da teologia era intensa e determinante, necessitando da dialética para sobrevivência, pois foi necessário construir um espaço próprio para a filosofia, o que foi tentado por alguns filósofos, mas sem êxito.

No século XIV, a constância presente no feudalismo foi modificada pelo desenvolvimento do comércio, criando espaço para que o movimento e a reflexão proporcionassem o ressurgimento da dialética. Com a expansão cada vez maior do comércio, a qual suscitou uma efervescência de inferências, chegou-se à época do Renascimento, período de muitas mudanças, tal que novos ares se fizeram presentes em um momento em que a compreensão, acerca do ser humano, ganhou contornos, deixando cada vez mais distante a ideia de um ser estático e preso às questões teológicas. Percebe-se aqui, um novo momento em que com o Renascimento, a dialética “[...] pode sair dos subterrâneos em que tinha sido obrigada a

viver durante vários séculos: deixou o seu refúgio e veio à luz do dia” (Konder, 1981, p. 14). Ainda para o autor, os diversos filósofos do século XVII traziam em seus pensamentos elementos da dialética, porém o faziam voltados à compreensão do ser, não considerando a dinâmica social, tal que realizavam suas formulações em um ambiente fechado às questões das estruturas sociais, demonstrando uma visão da história desprovida de interesse.

No século seguinte, os filósofos, em meio às articulações precedentes à Revolução Francesa, compreenderam que o mundo feudal já não era capaz de sustentar-se e acataram o surgimento de um novo mundo. Este movimento, no entanto, foi realizado sem reflexões sobre as suas contradições internas, não se configurando como um movimento que alimentasse o desenvolvimento da dialética.

Na contramão dos demais filósofos iluministas, Diderot⁵ construiu a compreensão de que “[...] o indivíduo era condicionado por um movimento mais amplo, pelas mudanças da sociedade em que vivia” (Konder, 1981, p. 16). Ainda no século XVII, a figura de Rousseau contribuiu com a dialética, pois mesmo havendo inúmeras divergências de concepções com Diderot, ambos, não se intimidavam pela ideologia da ordem de cunho conservador.

Os conflitos políticos do final do século XVIII e, também, aqueles no início do século XIX tornaram-se tão intensos que acabaram por refletir, inclusive, na filosofia, de modo que neste cenário, três estudiosos assumiram papéis indiscutivelmente importantes na dialética: Kant, Hegel e Marx.

O filósofo Kant ganhou relevância ao colocar o conhecimento no centro de sua filosofia, voltando seu interesse para a razão pura, tal que afirmou que “[...] na própria ‘razão pura’ (anterior à experiência) existiam certas contradições – as ‘antinomias’ – que nunca poderiam ser expulsas do pensamento por nenhuma lógica” (Konder, 1981, p. 21-22, grifo do autor). Assim, Kant considerou a dialética como uma ilusão, visto que tinha como passe aspectos subjetivos.

Friedrich Hegel se contrapôs a Kant no que concerne à contradição constituir-se apenas como dimensão da consciência. De acordo com ele, a contradição se faz presente na realidade objetiva. O que aproxima os dois é a concepção “[...] de que o sujeito humano é essencialmente ativo e está sempre interferindo na realidade” (Konder, 1981, p. 22).

As concepções de Hegel serviram de base para Marx, que a partir da fundamentação materialista superou as concepções idealistas hegelianas. Para Freitas (2014), o detalhamento do percurso da dialética possibilitou compreender dois momentos distintos: o da dialética

⁵ Denis Diderot (1713-1784) foi considerado um grande filósofo do Iluminismo.

antiga, de Heráclito a Kant, no qual apesar das diferenças de formulações tinha-se em comum o princípio de que os contrários não podem se encontrar numa mesma proposição; e o da nova dialética, com Hegel e Marx, os quais são contrários a esse princípio, como explicita Fouquié.

Para Fouquié (1974), na dialética antiga, a contradição constitui-se como uma lei absoluta tanto das coisas como do espírito, tal que uma coisa não pode ser e não ser simultaneamente. Retomando Freitas (2014), quando o pensamento é induzido a constituir a afirmação de duas proposições que venham a se contradizer, necessariamente uma dessas proposições tornar-se-ia errada.

De outra maneira, a nova dialética aceitou a contradição nas coisas que simultaneamente são e não são e a partir da contradição construiu a razão essencial da atividade do homem. Para Fouquié (1974) sempre que se é levado a formular proposições contrárias faz-se necessário superar a contradição, sem a rejeição das alternativas.

O resgate, aqui proposto, sobre a dialética ao longo do tempo, possibilitou a compreensão de que abordar a dialética é dissertar sobre algo que assumiu conotações diversas e, por vezes, antagônicas. As proposições que conduziram aos debates acerca da dialética ao longo da história contribuíram para fortalecer as concepções de mundo que tem no movimento seu fundamento ontológico, entre elas o materialismo de Marx e Engels.

A dialética a partir das considerações de Marx e Engels

Na obra *A dialética da natureza*, Engels (2000) fez alusão ao movimento, no que se relacione a dialética, ao referir-se à nova concepção da natureza, afirmando que aquilo considerado rígido, tinha se tornado flexível, tal que “[...] tudo quanto era fixo, foi posto em movimento; tudo quanto era tido por eterno, tornou-se transitório; ficara comprovado que toda Natureza se movia num eterno fluxo e permanente circulação” (Engels, 2000, p. 23). Este movimento caracterizou-se pela dinamicidade que é intrínseca ao homem e se constituiu em elemento basilar do materialismo histórico, o qual se fez dialético.

Na obra *O capital*, Marx (2013) no posfácio explicitou a dialética como uma força transformadora ao afirmar que a dialética:

[...] em sua configuração racional, ela constitui um escândalo e um horror para a burguesia e seus porta-vozes doutrinários, uma vez que, na inteligência positiva do existente, inclui, ao mesmo tempo, a inteligência de sua negação, de seu necessário perecimento. Além disso, apreende toda a forma desenvolvida no fluxo do movimento, portanto, incluindo o seu lado transitório; porque não se deixa intimidar por nada e é, porque enfim, nada se deixa impor, e é, por essência, crítica e revolucionária (Marx, 2013, p. 91).

A dinamicidade trouxe à realidade social e histórica o caráter de transitoriedade, em que nada é permanente, tal que tudo se encontra em um movimento constante de transformação. Conforme Lowy (1991), não existem ideias e categorias absolutas, que são definidas e acabadas, pois tudo aquilo que existe “[...] na vida humana e social está em perpétua transformação, tudo é perecível, tudo está sujeito ao fluxo da história” (Lowy, 1991, p. 14).

Porém, para entender a realidade humana se fez necessário, para além da compreensão que a realidade está em permanente movimento, percebê-la a partir da associação do princípio da transitoriedade com os princípios da totalidade, da mudança qualitativa e da contradição.

Para Ciavatta (2001), o princípio da totalidade está alicerçado na compreensão de que a realidade se constitui como um todo coerente, de modo que pode se tratar de um conjunto de situações relacionadas, o contexto de um objeto com suas correlações ou um todo estruturado desenvolvido e produzido como ação social humana.

Conforme Freitas (2014), na proposição de Marx, ao determinar-se o objeto de pesquisa como ponto de partida, tem-se uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, se faz possível chegar a conceitos cada vez mais simples, considerando o concreto idealizado.

Assim, é possível atingir determinações menos complexas e de posse destas determinações, é preciso fazer um caminho inverso, atingindo o conceito do objeto pesquisado, “[...] mas desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (Marx, 1978, p. 116).

Marx (1978) utilizou o exemplo de considerar o conceito de população, dada a economia política de um país, assim iniciou pela divisão dessa população. Para Rosa (2017), no que se relacione a essa divisão, o autor utilizou classes como a cidade, o campo, o mar, bem como fez menção a ramos produtivos como a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias e, ainda, diversos outros elementos.

Na sequência, é possível verificar que apesar de parecer adequado iniciar pelo real e concreto, para o caso, considerando a economia, a população constitui-se a base e o sujeito da ação social da produção em seu conjunto e se examinado com precisão, de acordo com Marx, isto se mostra uma estratégia falsa, pois a população torna-se uma abstração no momento em que não considere as classes que a compõem. Fundamentalmente, é necessário envolver elementos sobre os quais está o trabalho assalariado e o capital, tal que em relação a esses se supõem a troca, a divisão do trabalho assalariado, os preços e etc.

A partir da preleção de Marx (1978), caso iniciado pela população seria possível ter uma representação caótica do conjunto, analiticamente chegando-se a conceitos mais simples. Alcançando este ponto, seria o momento de efetuar a volta, na proposta de encontrar a população, não como uma representação caótica, pelo contrário como uma totalidade com inúmeras determinações.

A partir do exposto, compreende-se que o processo de investigação acontece tendo como ponto de partida um fato empírico, o qual deve ser entendido como uma totalidade, mesmo que se apresente sem clareza, ainda abstrata, pois uma “[...] compreensão do todo precede a própria possibilidade de aprofundar o conhecimento das partes” (Konder, 1981, p. 45). Assim, o processo de análise das partes se configura em decompor e recompor o conhecimento.

Ao refletir sobre a totalidade tem-se presente de que esta é apenas um momento de um processo de totalização, pois ao final, a dialética “[...] negar-se-ia a si mesma, caso cristalizasse ou coagulasse suas sínteses, recusando-se a revê-las, mesmo em face de situações modificadas” (Konder, 1981, p. 39).

Para Gadotti (2012), no que concerne às situações modificadas, é indispensável que se tenha presente o princípio da mudança qualitativa, ou seja, a transformação da totalidade configura-se como mudança que acontece pelo conjunto de elementos quantitativos que em um determinado momento produz o novo, qualitativamente novo. Ressalta-se que a produção do qualitativamente novo só se efetiva quando as partes que o compõem alcançam um determinado nível de mudanças, tal que a modificação do todo “[...] é mais complicada que a modificação de cada um dos elementos que o integram” (Konder, 1981, p. 40).

Este processo de modificação se efetiva a partir das relações que acontecem entre as partes de determinada totalidade. Nestas relações, só é possível pensar o todo sem negar as partes e pensar as partes sem negar o todo. Neste movimento entre a totalidade e as totalidades parciais, existe a presença da mediação, como processo reflexivo, que permite a compreensão de suas vinculações para além da dimensão imediata, propiciando o processo da contradição, reconhecida pela dialética, conforme Konder (1981), como o princípio fundamental do movimento.

Nesta perspectiva, afirma-se que a transformação do real “[...] só é possível porque no seu próprio interior coexistem forças opostas tendendo simultaneamente à unidade e à oposição” (Gadotti, 2012, p. 27). Assim, conforme Araújo (2003) o real está atrelado ao

constante movimento de construção do novo, o qual só pode ser vislumbrado a partir do antigo, isto é, da contração entre ambos, em que a ruptura e a continuidade se fazem presentes.

A escola e a unidade entre teoria e prática

Gramsci refletiu sobre a ação de superação do bloco histórico capitalista o qual estava atrelado ao processo de elevação cultural e moral, de tal forma que a revolução do proletariado, mediante a guerra de posição⁶ iria requer dos sujeitos uma postura crítica e criativa frente ao mundo, sendo que tal postura só se efetivaria por meio de uma relação dialética entre as práticas sociais e o conhecimento construído.

O mesmo pensador investiu em uma relação determinante entre conhecimento e política, o que fez recair sobre a escola um caráter de centralidade na estratégia contra-hegemônica. Assim a escola, como arena ideológica, configura-se como lócus de construção do conhecimento, sendo capaz de promover a superação fragmentada e acrítica do mundo, fazendo com que a classe subalterna se torne uma classe para si.

Logo, conforme Freitas (2014), surgiu à necessidade de ocupar os espaços educacionais, tomar posse das instituições privadas de hegemonia que podem servir como meio para a revolução, tendo presente o importante papel do professor, enquanto intelectual orgânico, vinculado à classe que vive do trabalho, em um processo de resistência e transformação social.

A escola na sociedade em que se vive foi pensada partindo de princípios ideológicos e foi organizada, historicamente, como espaço reprodutor do sistema vigente, constituindo-se em prol dos interesses da classe dominante. Para Althusser (1974), a escola é o agente em favor da reprodução social, pois por essa passam todos os estudantes, não importando a classe social, os quais recebem influência em diferentes momentos de vida, influências essas constituídas pelo Aparelho de Estado Escolar e pelo Aparelho de Estado Familiar, ambos imbricados aos interesses da classe opressora.

Para Barros, Freitas e Freitas (2021), a escola contribui de maneira significativa para adaptar esses estudantes, ao longo dos anos de sua escolaridade, a estrutura social vigente e, desta maneira, tende a corroborar com a manutenção da sociedade de classes.

Ainda para os autores, essa dicotomia, criada pelos aparelhos ideológicos, que se mantém a serviço da classe dominante, sustenta o sistema de produção vigente, proporcionando

⁶ A guerra de posição é um conceito que “[...] interage diretamente com as principais categorias do pensamento político gramsciano, caracterizando seus momentos essenciais e orientando sua análise histórica, a partir do conceito de ‘hegemonia’, resultado de uma ação intelectual, moral e política sobre os dirigidos” (Ciccarelli *in* Liguori e Voza, 2017, p. 360).

uma relação entre os que são explorados e aqueles que exploram, estabelecendo qual espaço cada um ocupa na sociedade.

A escola, para poder manter a aceitação por ambas as classes, constituiu a ideia de neutralidade, como algo sem uma ideologia e que não se vincula a uma classe social. Para Althusser (1974), a escola tenta, com o passar dos anos, inculcar uma ideia de que nessa estão presentes os professores que se pronunciam em prol da consciência e da liberdade dos estudantes que lhes são confiados pelos pais ou cuidadores, estabelecendo uma concepção de que será um espaço em que os estudantes encontrarão a sua liberdade e poderão construir um caminho para ascender socialmente, por intermédio dos conhecimentos estudados e dos exemplos trabalhados.

Para Gramsci (1995), a subalternidade é algo planejado e que se interioriza nos sujeitos, de tal maneira que esses sujeitos tratam essa subalternidade e a divisão de classes como algo natural, de modo que ficam atrelados, conforme o autor, a um senso comum. Essa condição faz com que esses sujeitos não enxerguem para além do que estão submissos, não assumindo, assim, um olhar crítico da posição que ocupam, comportando-se de maneira a sustentar os interesses da minoria exploradora. Por outro lado, Gramsci afirma que a escola tenha também um caráter transformador, por mais que esteja vinculada aos interesses da classe dominante.

O caráter transformador da educação mencionado por Gramsci (2000, p. 62) manifesta-se no momento em que é possível que se reconheça que não se trata de um processo natural, mas um processo cultural, o qual irá depender dos intelectuais que dela participam.

Retomando Barros, Freitas e Freitas (2021), uma educação emancipadora não deve ser imposta e organizada pela burguesia, mas construída na busca por um novo modelo civilizatório, o qual exige a participação daqueles que são explorados pelo sistema de produção, com o aporte de intelectuais vinculados a essa classe, necessitando organização e sistematização, podendo, assim, funcionar de forma coerente com as necessidades daqueles que tanto sofrem na sociedade que está posta.

Salienta-se que a escola destinada aos trabalhadores se encontra, em geral, na educação profissional, a qual é vista como democrática, mas que acaba por formar e inserir os sujeitos na lógica do capital, acentuando as diferenças sociais. Assim, para Gramsci (2000) a escola em função das crises cultural e de concepção de vida acaba entrando em progressiva degenerescência, perpetuando, por fim, as diferenças.

Contrário a essa ideia de escola profissionalizante, de caráter formador para as demandas da classe dominante, é que Gramsci propõe a escola unitária. A escola unitária possui

como objetivo ampliar a formação geral dos sujeitos, por meio de uma escola única inicial de cultura geral, humanista e formativa, que venha a equilibrar “[...] de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento da capacidade intelectual” (Gramsci, 2000, p. 33).

A proposta de Gramsci tinha por intento refletir sobre uma escola que buscasse algo mais do que a qualificação da mão de obra, mas que promovesse à garantia do acesso à cultura, a qual por fim viria a possibilitar e desenvolver a criticidade e a autonomia social, fazendo com que os integrantes dessa sociedade conseguissem tomar posição no meio em que estão inseridos, isto é, construindo a emancipação⁷.

Dessa maneira, a escola unitária teria como intenção a elevação cultural dos indivíduos, em busca de uma cultura que possua sentido e que coloque o sujeito como parte do processo histórico no qual está inserido, não sendo uma adesão daquilo que está posto, pronto e acabado, mas, segundo Nosella (1992), represente a construção de uma cultura que possui por proposta o educar para a liberdade concreta, historicamente determinada, ao contrário de educar para o autoritarismo exterior que defende uma liberdade parcial e, ainda, individual.

Retomando Freitas (2014), a escola unitária tem como foco o acesso à cultura, de tal forma que enxerga a cultura como algo vivo e que possua verdadeiro sentido e relação para com a vida, fazendo com que o homem seja parte ativa deste processo.

Ainda para a autora, Gramsci acreditava em uma pedagogia histórica, dialética e crítica, não aceitando os fatos que estão postos, mas criticando e argumentando a favor de uma escola formativa. Uma pedagogia histórica embasada na dialética, no princípio da contradição, pois nessa escola em um momento se está a favor de reproduzir a ideologia dominante e, em outro, nega-se essa ideologia, pela contraposição entre a primeira e a realidade vivida pelos sujeitos.

Nessas condições, considerando as temáticas que estão em contradição dialética, os homens assumem posições contraditórias, muitas vezes a favor da manutenção das estruturas opressoras, por outras, em luta pela transformação.

É embasado neste pensador, em sua visão de educação voltada para a ação de superar o senso comum, em busca da elevação a uma forma superior de cultura e de concepção de mundo, que o professor desempenhará, como intelectual, o papel de agente de transformação social.

⁷ O termo emancipação empregado por Marx ao tratar a questão judaica, remete a refletir que “[...] a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado *ente genérico* na qualidade de homem individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “*forces propres*” [forças próprias] como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma de força política” (MARX, 2010, p. 54). Nesta perceptiva a emancipação humana está condicionada a superação do modelo civilizatório capitalista.

O professor, ao desempenhar o seu papel de intelectual, ligado organicamente às classes subalternas, consciente de seu compromisso com a mudança social, necessita construir pedagogias contra-hegêmonicas, de maneira que possa fortalecer os estudantes, por meio dos conhecimentos por ele mediados. Além disso, precisa proporcionar um espaço que busque o desenvolvimento de uma consciência social que proporcione aos estudantes a atuação em sociedade como agentes críticos os quais busquem a transformação social.

Assim, conforme Freitas (2014) reflete-se sobre o importante papel que desempenha a educação no processo de transformação e aperfeiçoamento da sociedade e, portanto, na condição de permitir ampliar as possibilidades para que os sujeitos melhor vivam e convivam. É por meio desta educação que os sujeitos adquirem as condições existenciais indispensáveis ao exercício e à participação consciente no universo de que fazem parte, ou seja, condições de comportarem-se como cidadãos.

O papel do professor se torna fundamental na medida em que consegue contribuir para a elevação cultural da população, bem como auxiliá-la a formar uma representação coerente da realidade, atingindo um grau de politização, fazendo com que esta consiga realizar sua passagem, como classe social, advinda do senso comum, para uma concepção de vida superior. Esse movimento não pode acontecer na individualidade dos homens, sendo condição fundamental que aconteça na totalidade da sociedade, tornando-se hegemônica.

É reconhecido que esta proposta de educação se faz em contradição no momento em que os professores, em busca pela transformação social, apropriam-se das instituições que tem como propósito a reprodução da cultura dominante, visto que são estas instituições que proporcionam a ele a garantia de uma vida material e as condições de libertação das classes oprimidas.

No intuito de superar este conflito, o professor, conforme Gramsci (1999) tem de ser consciente das discrepâncias entre o tipo de sociedade e cultura que representa e o tipo de sociedade e cultura demonstrado pelos estudantes, compreendendo que seu objetivo é ao mesmo tempo possibilitar a libertação e conscientização dos estudantes, bem como lutar por seus direitos, buscando uma vida digna.

Para Gramsci (2000), esta conscientização é tarefa primordial da educação e passa, primeiramente, pelo ato de denunciar os processos de opressão pelos quais se submetem as classes subalternas, evidenciando aquilo que os homens realmente são como produtos do processo histórico desenvolvido.

Assim, para que exista a possibilidade de o professor desempenhar esse papel, deverá ter consciência de quem é e do que representa no contexto em que está inserido e, de mesma maneira deverá rever a sua prática, como modo de superar a reprodução, na busca constante por uma escola emancipatória.

Daí que para que o professor possa vir a contribuir na construção da consciência crítica de seus estudantes, necessita, ainda, desenvolver internamente a consciência do papel que desempenha e daquilo que realmente assume, no processo histórico no qual se insere, tal que conforme Gramsci (1995) é um processo de conhecer a si mesmo. Todavia, este processo de constituição como intelectual, passando de uma visão de mundo fragmentada a uma visão unitária, não é algo que aconteça de forma natural e se faz necessário investir na formação inicial e continuada de professores ou futuros professores.

Enfatiza-se, novamente, a importância de que esses processos de formação sejam trabalhados dialeticamente e que pelo princípio da contradição, os sujeitos possam se conhecer, construindo a partir dessa caminhada uma visão unitária de mundo.

As questões trazidas até aqui sustentam o importante papel ético e político que a formação de professores possui, sobretudo nesse momento em que a educação pública brasileira sofre revezes. Torna-se premente um olhar cuidadoso, e até mesmo desconfiado, com as proposições que vêm sendo anunciadas e outras já até implementadas, tendo presente assegurar o espaço da educação pública brasileira que foi conquistada até então.

Confluências entre Marx e Gramsci

Alicerçado nos pressupostos de Marx e Gramsci assumiu-se à essa escrita, buscando subsídios para problematizar acerca de um tema que possibilite interferir na realidade dos sujeitos, no que se relacione os espaços escolares, tendo como propósito a transformação desses espaços e como foco a escola na luta contra-hegemonica, no desafio de aceitar as contradições existentes, possibilitado pelo movimento dialético.

No intuito de clarificar a proposição desse movimento, retoma-se Marx (2011) no qual o autor aborda as questões referentes ao método da economia política. Marx adverte que a categoria população trata-se de uma abstração e que não se deve negligenciar as classes que a compõe. Nesse caminho devem ser conhecidos os elementos que a compõe, como por exemplo, o trabalho assalariado, o capital etc.

Para Freitas (2014), é possível depreender, a partir das palavras de Marx, que tendo o objeto de pesquisa como ponto de partida, ou seja, uma representação caótica, é necessário

partir para a realização de um movimento de análise, buscando chegar a conceitos mais simples, de forma a compreender que o movimento não se esgota nesse processo, sendo necessário realizar o caminho de volta, até atingir o conceito do objeto, “[...] mas desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (Marx, 1978, p. 116).

Assim, indo ao encontro da proposição marxista, infere-se sobre a relação entre a teoria e a prática a qual tem papel central na práxis revolucionária de Gramsci, como premissa indispensável para a formação docente. Para ambos os autores, tem-se como foco a busca pela unidade entre teoria e prática, a qual permite, a partir de movimentos dialéticos, a compreensão do real, em distintos níveis de abrangência que convergem para uma visão crítica e coerente do mundo e tão cara à transformação social.

Nessas condições, para Marx e Gramsci o movimento dialético que se estabelece entre teoria e prática é fundamental e sempre se constitui como um movimento cíclico que não encontra o seu fim e que, ao mesmo tempo, vai se afastando do seu ponto de origem. Desta forma, ao pensar o espaço escolar, o professor ao realizar esse movimento compreende-se enquanto ser em construção e em constante formação, tendo presente a busca por conhecimentos que irão possibilitar-lhe um fazer docente coerente à medida que se tornam coerentes suas concepções de sociedade, de homem, de educação, de escola e do seu próprio papel.

Estas concepções balizarão as escolhas pedagógicas diárias dos professores, que jamais terão uma neutralidade política e ao contrário, revelar-se-ão mais intensas, no que se relacione a unidade entre a teoria e a prática. Assumir a escola como espaço de contradição, ao contrário de assumir a escola como espaço de neutralidade, propõe na visão dos autores, compreender a escola, por vezes, como transformadora, por outras, como reprodutora da ordem social vigente. A cada dia, a compreensão do real se faz ética e política, se faz a autoconsciência. A partir do exposto, constitui-se o movimento que vai da síncrese à síntese, por meio da análise, tendo presente que o percurso se faz de maneira dialética, em que a interdependência dos fatos faz do todo mais que a soma das partes. Alinhando Marx e Gramsci percebe-se a ação de desvelar à realidade, descortinando as contradições do real.

Para que esses movimentos possam acontecer, Marx e Gramsci percebem a realidade não como sendo determinada a priori, mas como um movimento contínuo que se constitui a partir da ação de sujeitos concretos, ação essa que se faz imperativa, visto a importância de

posicionamento frente ao mundo, pois como nos afirma Gramsci (2020) ao falar da indiferença, essa:

[...] opera como força na história. Opera passivamente, mas opera. É a fatalidade, é aquilo que não se pode contar; é o que interrompe os programas, subverte os melhores planos; é a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a sufoca. O que vem em seguida tal que a fatalidade faz-se como aquilo que não se pode contar, como aquilo que interrompe os programas e subverte os planos, ou seja, é a matéria que se rebela contra a inteligência e a sufoca (Gramsci, 2020, p. 32).

Ainda para o autor, a fatalidade que tenta dominar a história é a aparência ilusória da indiferença, ou seja, os fatos acabam por amadurecer sob a manipulação de poucos e não submetidos a qualquer controle, tal que se constitui a história da vida coletiva, e o povo, por não se preocupar, acaba por ignorar.

Tanto Marx como Gramsci, alinham-se em sustentar a convicção de que os homens fazem a sua história e afirmam presente a existência das determinações. No entanto, mesmo consciente desta dinâmica, defendem que quanto mais o homem se constitui como ser social, quanto mais desenvolve a consciência de classe, maior será seu protagonismo na construção de uma vontade geral ética e política, em que o coletivo se instala acima das vontades individuais.

Dessa forma, o espaço escolar como aquele que privilegia a relação dialética entre as práticas sociais e o conhecimento construído instaura o protagonismo dos sujeitos para a modificação das ações, para a produção do novo, no intuito de constituir a superação por meio da ação.

No que concerne à formação dos professores, torna-se possível pensar o papel desses professores no processo educativo, tal que esses, constantemente, devem situar-se como sujeitos de sua própria educação, assumindo o protagonismo na construção do seu desenvolvimento humano e tendo o compromisso com uma educação que busque a elevação cultural e moral dos estudantes.

Há que se considerar, ainda, o relacionamento entre Marx e Gramsci no que competem às ações de fazer e refazer o mundo, como tarefa de transformação social, promovendo, a partir disso, uma renovação cultural, a qual não é dada em um momento determinado, mas deve estar presente nas situações existenciais dos homens.

Esse trabalho incentiva todos no espaço escolar a constituir um olhar crítico da realidade, à medida que é desvelada, visando conhecê-la. Assim, a partir de um possível universo de temas que estão em contradição dialética, os sujeitos assumem posições

contraditórias, por vezes, a favor da manutenção das estruturas e, por outras, em luta pela sua mudança.

Considerações finais

Com a convicção da necessidade da superação do modelo civilizatório vigente, buscou-se aporte em Karl Marx e Antonio Gramsci, tal que foram abordados os pensamentos de ambos os autores, inicialmente com uma análise que recaiu sobre a o princípio da contradição, por meio do estudo da dialética.

Nessa esteira, compreende-se que os fundamentos estudados não se restringem à mera interpretação do mundo, mas assumem o compromisso de transformar o mundo, principalmente no que remete aos espaços escolares. Por meio do movimento síncrese, análise e síntese, Marx e Gramsci buscaram estratégias para a revolução, em direção a uma nova hegemonia. Todavia, esta nova concepção de mundo não implica a negação da concepção existente, mas busca, a partir de um movimento de elevação cultural e moral, fazer com que os sujeitos compreendam o papel que desempenham frente ao modelo civilizatório capitalista, possibilitando a passagem de uma concepção fragmentada e acrítica a uma visão unitária do mundo, sabendo que essa transformação acontece por meio da práxis.

Com esse pensamento, compreende-se a práxis como uma ação de organização e de ação política, tal que para Gramsci a filosofia da práxis constitui-se como “[...] uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo intelectual existente)” (Gramsci, 1995, p. 18).

Assim, reflete-se que os sujeitos oprimidos ou subalternos, aqueles destituídos de seus direitos, não devem se manter fundamentados no senso comum, mas orientados pela filosofia da práxis alcançar uma concepção de vida superior. Nesse caminho, faz-se emergir o processo de tomada de consciência pelas classes subalternas, de tal modo que esses sujeitos possam chegar a uma elaboração superior da própria consciência do real, uma consciência crítica que é necessária para colocar em curso a transformação social.

Por fim, acredita-se que na escola, ao possibilitar o princípio da contradição em um movimento dialético, seja possível constituí-la como trincheira ideológica, evidenciando assim o papel que desempenha o professor como intelectual orgânico que nela atua.

Dessa maneira, esse professor, como intelectual orgânico, para contribuir no processo de tomada de consciência para a formação da consciência crítica dos estudantes, tem que

compreender o lugar que ocupa no processo histórico em que está inserido, conhecendo-se a si mesmo. No entanto, este processo de constituir-se como intelectual, passando de uma visão de mundo fragmentada a uma visão unitária, não é algo que aconteça de forma natural, mas construído tendo por base a unidade entre a teoria e prática.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologias e aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença, 1974.

ARAÚJO, L. B. A questão do método em Marx e Lúkács. O desafio da reprodução ideal de um processo real. In: MENEZES, A. M. D. de (Org.). **Trabalho, sociabilidade e educação: uma crítica à ordem do capital**. Fortaleza, CE: Editora UFC, 2003.

BARROS, G. S.; FREITAS, L. A. A.; FREITAS, A. L. C. Licenciatura em Computação: Espaço de formação de intelectuais orgânicos vinculados à classe que vive do trabalho? **Revista Textura**, Canoas, v. 23, n. 53, p. 426-446, 2021. DOI: 10.29327/227811.23.53-20. Disponível em: <https://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/view/5677/3974>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CIAVATTA, M. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (org.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREITAS, L. A. A. **Sobre a identidade profissional dos docentes da educação profissional técnica de nível médio – forma integrada**: Perspectivas a partir dos pressupostos da educação ambiental transformadora. Orientadora: Maria do Carmo Galiazzi. 2014. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2014.

FOUQUIÉ, P. **A dialética**. São Paulo, SP: Publicações Europa-américa, 1974.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, A. **Odeio os indiferentes**: escritos de 1917.1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

- KONDER, L. **O que é dialética**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense. 1981.
- LIGUORI, G.; VOZA, P. **Dicionário gramsciano (1926 – 1937)**. São Paulo: Boitempo. 2017.
- LOWY, M. **Ideologia e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- MARX, K. **Para a crítica da economia política**. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política, Livro I. v. I (O processo de produção do capital). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política, Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d.
- NOSELLA, P. **A escola de gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ROSA, F. L. B. **A dimensão ético-política da formação permanente na (re)significação do trabalho docente**. Orientadora: Luciane Albernaz de Araujo Freitas. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia, Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, RS, 2017.
- SIMIONATTO, I. **Gramsci**: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

-
- Reconhecimentos:** Não se aplica.
 - Financiamento:** Não se aplica
 - Conflitos de interesse:** Não se aplica.
 - Aprovação ética:** O presente trabalho não foi submetido ao Comitê de Ética por se tratar de um estudo teórico, sem pesquisa de base empírica com seres humanos.
 - Disponibilidade de dados e material:** Não se aplica.
- Contribuições dos autores:** Gabriel da Silva Barros – estruturação do artigo, fundamentação teórica e revisão do artigo; Luciane Albernaz de Araujo Freitas – estruturação do artigo, fundamentação teórica e revisão do artigo; e André Luis Castro de Freitas – estruturação do artigo e revisão do artigo.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

